



A Inserção do Espectador dentro da Cena – Concepção de um Topos Experimental e Performático a partir de preceitos da Live Art e da dramaturgia de Thornton Wilder.

Vitor Biazzin Branco

Resumo

O seguinte projeto propôs a investigação de um espaço cênico híbrido, um Topos Experimental em que puderam ser identificados elementos da Live Art (arte viva) e do próprio teatro convencional. Trata-se de um território situado entre ficção e realidade, que possibilita aos seus espectadores, a partir de sua inserção dentro da cena, uma experiência inusitada que questione os limites entre arte e vida, por meio de estratégias que despertem uma postura mais ativa nos observadores-participantes.

Palavras-chave:

Performance, Happening, Live Art.

Introdução

De maneira simples e objetiva, a arte viva (*Live Art*) é a fusão entre arte e vida; uma tendência que podemos verificar em determinados materiais artísticos. Esta tendência tem sido adotada cada vez mais pelo teatro contemporâneo, e atualmente tornou-se frequente depararmos com peças teatrais que nos colocam em uma experiência viva, geralmente em espaços alternativos que rompem com a relação *à italiana*. Isso nos mostra que a classe artística está se preocupando mais com a questão da experiência, cuja carência e fragilidade são sintomáticas no homem moderno, digitalizado, urbano, atarefado e ocupado. O Projeto em questão mostra como essas características são extremamente bem-vindas e necessárias para o teatro de pesquisa atual, que identifica cada vez mais a necessidade de devolver ao espectador um contato humano mais afetivo.

O objetivo principal desta pesquisa foi conceber um *Topos Experimental*, com elementos performáticos e convencionais coexistindo entre si, que gerassem no público, a partir de sua participação na cena, uma experiência significativa.

Resultados e Discussão

Os resultados obtidos nesta pesquisa são de natureza conceitual e teórica, já que vieram de materiais bibliográficos e de entrevistas.

A problemática da carência da experiência no teatro já foi diagnosticada há um bom tempo por Artaud e por outros teóricos e artistas. Artaud foi um dos primeiros teóricos ocidentais a vislumbrar um teatro potente, que possibilitasse ao espectador uma experiência verdadeira que lhe comunicasse ao espírito. Esta experiência deveria carregar altos índices de realidade e deveria ter uma configuração geográfica inusitada da sala.

A qualidade cênica que foi estudada na presente pesquisa já foi chamada por Sílvia Fernandes de “estado do espectador”; bem como foi classificada pela autora como uma característica do Teatro Pós-Dramático.

O *Living Theatre* talvez seja o grupo teatral que mais soube pôr em prática estas questões. Para o grupo,

as questões da *Live Art* tinham um objetivo social e político muito claro: oferecer liberdade aos seus espectadores, a partir da voz ativa concedida a eles em suas ações performáticas.

Mariana Barcellos, atriz do *Living Theatre*, atenta para a questão da carência de contato humano nos dias de hoje e ressalta que a ruptura da fronteira entre arte e vida tem o objetivo central de criar encontros.

Conclusões

A valorização do instante presente dentro da cena (que o teórico Xerxes Mehta chamou de “*real time*”, em detrimento ao “*stage time*”), a configuração geográfica alternativa de um espaço cênico (alcançada com a quebra do palco italiano), a proposição de uma nova relação com o espectador (que Renato Cohen chamou de “relação mítica”, em detrimento à “relação estética”), são características típicas da performance e de outras manifestações da *Live Art*, que há muito tempo são adotadas de formas diferentes e em diferentes graus por inúmeros encenadores, tendo como resultado a potencialização de uma qualidade arrebatadora que a arte pode (e deve) ter. Todos estes elementos, ao coexistirem entre si dentro de um espetáculo teatral, criam um espaço híbrido, um *Topos Experimental*, localizado entre o Teatro e a Performance, que o teórico Matteo Bonfitto chamou de “Terceiro Território”. Este território, quando bem trabalhado, pode remover o espectador desta mancha confortável que é a passividade (muito frequente em inúmeras encenações atuais) e oferecer-lhe uma experiência de fato, tão rara no cotidiano em que vivemos, e tão necessária para o homem contemporâneo.

Agradecimentos

A pesquisa em questão teve unicamente o Apoio do CNPq, através do PIBIC. Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora Isa Kopelman, por todo o apoio e auxílio concedidos ao longo de minha pesquisa; e à atriz Mariana Barcellos, pela generosidade de oferecer uma entrevista que muito contribuiu e engrandeceu este Projeto.